

Grandes

Temas da

Educação

Nacional 4

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)



Atena
Editora

Ano 2019

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Grandes Temas da Educação Nacional

4

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

G752 Grandes temas da educação nacional 4 [recurso eletrônico] /
Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2019. – (Grandes Temas da Educação Nacional; v. 4)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-234-0

DOI 10.22533/at.ed.340190204

1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Aspectos sociais.
3. Professores – Condições de trabalho. 4. Professores – Formação.
I. Sousa, Ivan Vale de. II. Série.

CDD 379.81

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Neste quarto volume do livro *Grandes Temas da Educação Nacional* as temáticas educativas são tomadas e apresentadas a partir do viés da diversidade de ideias inseridas em cada capítulo, podendo ser apreciadas pelos inúmeros e autênticos leitores das finalidades comunicativas que esta obra propõe: informar e revelar como as competências desenvolvem-se na interação com cada um dos textos que dão forma a esta coletânea.

As reflexões inseridas e propostas neste livro fazem jus à identidade da obra. Os temas são grandes porque promovem a interação entre as diferentes áreas do conhecimento e criam um mosaico da educação nacional pela multiplicidade de ideias e argumentos produzidos por um grupo de pesquisadores comprometidos na função de estabelecer elos comunicativos e, ao mesmo tempo, apresentar as convicções formuladas no itinerário de realização dos eventos de aprendizagens propostos nos capítulos.

A identidade assumida por esta obra faz menção à grandiosidade do nosso país, porque revela nos vinte e um capítulos a aproximação entre as teorias e as práticas utilizadas por seus autores, pois ao colocarem-se na função de autoria, colocam-se também como leitores e interlocutores dos argumentos capazes de trazer outros leitores para o evento interativo da aprendizagem e desenvolvimento das habilidades necessárias: enxergar que cada texto é um texto e cada texto simboliza um evento de comunicação.

O autor do primeiro capítulo propõe elos dialógicos entre o gênero textual argumentativo *Artigo de opinião* e a obra *A Experiência do fora*, de Tatiana Salem Levy. Além disso, reitera que as marcas enunciativas no gênero de texto permitem ao sujeito a experiência e a defesa das ideias-chaves, tendo o texto como um processo de comunicação entre sujeitos. No segundo capítulo, as Tecnologias da Informação e Comunicação Móveis e Sem fio contribuem com o processo de aprendizagem significativa, pois consideram a importância da inserção dos recursos tecnológicos nas ações de ensino e aprendizagem.

As discussões propostas pelo terceiro capítulo, além de apresentar um panorama discente sobre o uso da webconferência, cumpre a funcionalidade de inserir as ações da educação a distância na orientação e aplicações futuras de aprendizagem em que a webconferência simbolize o meio dessa interação. No quarto capítulo, uma breve reflexão voltada à experiência de iniciação ao ensino de monitoria a partir do *Projeto Ato de fazer, Observar, Caminhar, Visitar, Ler e Expor o Desenho*, da disciplina Fundamentos do Desenho I e II, dos cursos de Artes Visuais, da Universidade Federal de Pelotas é apresentada ao leitor.

No quinto capítulo, a satisfação discente acerca do uso de flashes cards, como método, apresenta as intervenções de aprendizagem baseadas em problemas. O sexto capítulo preocupa-se no desenvolvimento da empatia em estudantes de medicina à luz das políticas de inclusão, baseando-se nas experiências que são apresentadas e

analisadas.

O sétimo capítulo parte do trabalho reflexivo com alunos de graduação de várias áreas como propostas de orientação de intervenção e reestruturação de praias, aproximando os saberes dos cursos de Engenharia Ambiental e Sanitária, Geografia e Ciências Marinhas. No oitavo capítulo averigua-se a possibilidade de existência quanto ao plano da diferenciação significativa na análise de textos científicos.

As reflexões inseridas no nono capítulo correlacionam a didática utilizada no ensino de Finanças e Contabilidade. No décimo capítulo a temática da educação ambiental representa o ponto de partida no estudo e no combate à degradação urbana e ribeirinha como forma de estruturação dos cursos de artesanatos utilizando as cascas dos mariscos. Já o décimo primeiro capítulo, o ensino de biologia parte do levantamento e da análise dos Objetos de Aprendizagem, entre eles, uma incursão no site Rede Internacional Virtual de Educação (Rived).

No décimo segundo capítulo há uma proposta discursiva sobre o ensino híbrido no curso Técnico em Informática na modalidade semipresencial, apresentando os resultados na implantação dos modelos de rotação por estação e laboratório rotacional. No décimo terceiro capítulo o autor avalia a percepção dos professores do curso de Medicina Veterinária da Estácio à luz da utilização do Facebook como ferramenta auxiliadora das aprendizagens.

No décimo quarto capítulo o uso de portfólios é tomado como instrumento de aprendizagem na visão de alunos egressos do curso de Enfermagem, a partir da realização da pesquisa descritiva em uma abordagem qualitativa. O décimo quinto capítulo compartilha a prática em mediação que os alunos do curso Direito realizaram no Núcleo de Prática Jurídica da Unileão, além de demonstrar a relevância da formação profissional para atuação em novos métodos de resolução de conflitos.

No décimo sexto capítulo, os autores comparam os efeitos de dois tipos de som (música devocional/religiosa e ruído de estática) sobre a germinação de sementes de abobrinha italiana (*Curcubita pepo*). Já o décimo sétimo capítulo circunscreve-se ao aparato teórico-metodológico da Análise do Discurso Francesa à luz dos domínios postulados por Pêcheux.

Um estudo da história das guerras a partir de jogos de simulação em tabuleiros históricos e geográficos é apresentado no décimo oitavo capítulo. São analisadas questões relativas às obras de José de Anchieta em Latim e na manutenção da latinidade do contexto do Brasil quinhentista, bem como da investigação do trabalho desenvolvido pelo filólogo e linguista Armando Cardoso, principal editor, no décimo nono capítulo.

No vigésimo capítulo, discute-se a origem do Grupo Experimental de Dança Da Silva, além de refletir de que forma a atividade corporal contribui para a desconstrução de padrões corporais sexistas, associados ao gênero feminino. Por fim, no vigésimo primeiro capítulo os autores examinam a poesia de Durvalino Couto a partir do plano da cognoscibilidade e na aproximação com a semiose dos signos verbais no poema.

Os muitos autores que constroem uma verdadeira cartografia de ideias nas páginas desta obra, permitem-se ser lidos e estudados por outros interlocutores de seus textos, pois é somente por meio da experimentação do texto como evento de comunicação e realização da linguagem que o convite a desbravar outros saberes é reinventado. Assim, deseja-se que cada leitor enxergue nos textos um reflexo da própria experiência e as razões para construir-se na aprendizagem e pela aprendizagem.

Prof. Me. Ivan Vale de Sousa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
ARTIGO DE OPINIÃO E A EXPERIÊNCIA DO FORA: ELOS DIALÓGICOS	
<i>Ivan Vale de Sousa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3401902041	
CAPÍTULO 2	16
ADAPTAÇÃO AO U-LEARNING E O ALCANCE DA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA	
<i>Márcia Cristina de Aquino Passos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3401902042	
CAPÍTULO 3	28
ENCONTROS SÍNCRONOS NA EAD: PANORAMA DISCENTE SOBRE O USO DA WEBCONFERÊNCIA	
<i>Sabrina Bleicher</i>	
<i>Giovana Schuelter</i>	
<i>Douglas Paulesky Juliani</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3401902043	
CAPÍTULO 4	37
O DESENHO COMO DISPOSITIVO DE RELAÇÃO ENTRE SUJEITO E MUNDO	
<i>Paula Renata Penteado Oliveira</i>	
<i>Alice Jean Monsell</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3401902044	
CAPÍTULO 5	42
SATISFAÇÃO DISCENTE ACERCA DO USO DO MÉTODO FLASH CARDS	
<i>Emanuely Thays Muniz Figueiredo Silva</i>	
<i>Adriane Feitosa Macêdo</i>	
<i>Yuri Torres Guimarães</i>	
<i>Márcio Roberto Pinho Pereira</i>	
<i>Sônia Leite da Silva</i>	
<i>Silvia Fernandes Ribeiro da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3401902045	
CAPÍTULO 6	48
DESENVOLVENDO EMPATIA EM ESTUDANTES DE MEDICINA ATRAVÉS DA INCLUSÃO	
<i>Silvia Fernandes Ribeiro da Silva</i>	
<i>Marina Arrais Nobre</i>	
<i>Luiz Vianney Saldanha Cidrão Nunes</i>	
<i>Rejane Maria Rodrigues de Abreu Vieira</i>	
<i>Rivianny Arrais Nobre</i>	
<i>Sônia Leite da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3401902046	

CAPÍTULO 7 55

A INTERDISCIPLINARIDADE NOS ESTUDOS DO MEIO AMBIENTE: ENGENHARIA CIVIL, ENGENHARIA AMBIENTAL E SANITÁRIA, GEOGRAFIA E CIÊNCIAS MARINHAS

Glacianne Gonçalves de Oliveira Maia
Lucas Barbosa Fernandes
Luis de Carvalho Feitosa Neto
Vitória Lima Tavares
Márcio Roberto de Paula da Fonseca

DOI 10.22533/at.ed.3401902047

CAPÍTULO 8 63

A MODALIZAÇÃO EM ARTIGOS CIENTÍFICOS: UMA COMPARAÇÃO ENTRE UM ARTIGO DE CIÊNCIAS HUMANAS E UM ARTIGO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

Maria de Lourdes G. de Carvalho
Livia Oliveira Biscotto

DOI 10.22533/at.ed.3401902048

CAPÍTULO 9 71

APLICAÇÃO DO CASO ERON NA DIDÁTICA DO ENSINO DE FINANÇAS E CONTABILIDADE

Ednael Macedo Felix
Oderlene Vieira de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.3401902049

CAPÍTULO 10 88

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E DEGRADAÇÃO URBANA EM COMUNIDADES CARENTES NO MUNICÍPIO DE BAYEUX-PB

Maria da Conceição Castro Cordeiro

DOI 10.22533/at.ed.34019020410

CAPÍTULO 11 105

LEVANTAMENTO E ANÁLISE DOS OBJETOS DE APRENDIZAGEM DE CONTEÚDOS DE BIOLOGIA NO RIVED

Rafael César Bolleli Faria
Valéria Cristina Barbosa Carmazini
Janaína Laira Freitas
Natália Miranda Goulart

DOI 10.22533/at.ed.34019020411

CAPÍTULO 12 123

OS MODELOS DE ROTAÇÃO POR ESTAÇÃO E LABORATÓRIO ROTACIONAL NO ENSINO HÍBRIDO DO CURSO TÉCNICO DE INFORMÁTICA SEMIPRESENCIAL: UM NOVO OLHAR DENTRO E FORA DA SALA DE AULA

Eliana Cristina Nogueira Barion
Nádia Cristina de Azevedo Melli

DOI 10.22533/at.ed.34019020412

CAPÍTULO 13 132

PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA ESTÁCIO QUANTO À UTILIZAÇÃO DO *FACEBOOK* COMO FERRAMENTA AUXILIAR NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM EM UM CURSO NA MODALIDADE PRESENCIAL

William Volino

DOI 10.22533/at.ed.34019020413

CAPÍTULO 14 146

PORTFÓLIO COMO INSTRUMENTO DE APRENDIZAGEM VISÃO DE GRADUANDOS DE ENFERMAGEM

Ana Lívia Araújo Girão

Diane Sousa Sales

Rodrigo Jacob Moreira de Freitas

Sherida Karanini Paz de Oliveira

Rhanna Emanuela Fontenele Lima de Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.34019020414

CAPÍTULO 15 152

DESENVOLVIMENTO DA MEDIAÇÃO NA DISCIPLINA DE PRÁTICA REAL: UMA EXPERIÊNCIA INOVADORA DO NÚCLEO DE PRÁTICA JURÍDICA DA UNILEÃO EM PARCERIA COM A CASA DE MEDIAÇÃO DA DEFENSORIA PÚBLICA DO ESTADO DO CEARÁ

Tamyris Madeira de Brito

Joseane de Queiroz Vieira

Zuleide Fernandes de Queiroz

Alcyllana Nunes Teixeira

DOI 10.22533/at.ed.34019020415

CAPÍTULO 16 161

COMPARAÇÃO ENTRE OS EFEITOS DOS SONS DE MÚSICA DEVOCIONAL/ RELIGIOSA E DE RUÍDO DE ESTÁTICA SOBRE A GERMINAÇÃO DE SEMENTES DE ABOBRINHA ITALIANA (*Curcubita pepo*)

Kátia Cristina Fontana

Claudio Herbert Nina e Silva

DOI 10.22533/at.ed.34019020416

CAPÍTULO 17 170

SENTIDOS E DISCURSIVIDADES SOBRE A CIÊNCIA NA EDUCAÇÃO: O FUNCIONAMENTO DO UTILITARISMO EM SUGESTÕES LEGISLATIVAS

Éderson Luís Silveira

Wellton da Silva de Fatima

DOI 10.22533/at.ed.34019020417

CAPÍTULO 18 186

UM ESTUDO DA HISTÓRIA DAS GUERRAS (OU DA ESTRATÉGIA, OU DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS) ATRAVÉS DE JOGOS DE SIMULAÇÃO EM TABULEIROS HISTÓRICOS & GEOGRÁFICOS

André Geraque Kiffer

DOI 10.22533/at.ed.34019020418

CAPÍTULO 19	202
MONUMENTA ANCHIETANA, LATINIDADE E O TRABALHO FILOLÓGICO DE ARMANDO CARDOSO	
<i>Leonardo F. Kaltner</i>	
DOI 10.22533/at.ed.34019020419	
CAPÍTULO 20	220
EXPERIMENTANDO “DA SILVA”: DANÇAS E IGUALDADE DE GÊNERO EM GURUPI (TO)	
<i>Paulo Reis Nunes</i>	
<i>Claudenira Ferreira de Almeida</i>	
DOI 10.22533/at.ed.34019020420	
CAPÍTULO 21	229
TRANSUASÃO E COGNOSCIBILIDADE NA POESIA DE DURVALINO COUTO	
<i>Feliciano José Bezerra Filho</i>	
<i>Josivan Antonio do Nascimento</i>	
DOI 10.22533/at.ed.34019020421	
CAPÍTULO 22	241
ESTRATÉGIAS NA PROFISSIONALIZAÇÃO DA VIDEOAULA COMO RECURSO POTENCIALIZADOR DO APRENDIZADO	
<i>Jacqueline de Oliveira Lameza</i>	
<i>João Paulo Tenório da Silva</i>	
<i>Livia Moreira Quintana</i>	
<i>Lucas de Mattos Millan</i>	
DOI 10.22533/at.ed.34019020422	
CAPÍTULO 23	250
PÓS-GRADUAÇÃO EM CINEMA: UM ROTEIRO TEÓRICO-PRÁTICO EM EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA	
<i>Francisco Carlos Tadeu Starke Rodrigues</i>	
<i>Guilherme Bryan</i>	
<i>Jacqueline de Oliveira Lameza</i>	
<i>João Tenório da Silva</i>	
<i>Lucas de Mattos Millan</i>	
DOI 10.22533/at.ed.34019020423	
CAPÍTULO 24	261
A ISO 9001 E A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: CONTRIBUIÇÕES PARA A QUALIDADE NO ENSINO SUPERIOR	
<i>Francisco Carlos Tadeu Starke Rodrigues</i>	
<i>Jacqueline de Oliveira Lameza</i>	
<i>Leila Rabello de Oliveira</i>	
<i>Lucas de Mattos Millan</i>	
<i>João Tenório da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.34019020424	
SOBRE O ORGANIZADOR	272

ARTIGO DE OPINIÃO E A EXPERIÊNCIA DO FORA: ELOS DIALÓGICOS

Ivan Vale de Sousa

Mestre em Letras

E.M.E.F. Novo Horizonte, Parauapebas - PA

RESUMO: O contexto escolar é formado por diferentes vozes e discursos que, quase sempre, não são percebidos e elucidados na prática pedagógica. Este trabalho, parte dos seguintes objetivos: apresentar uma comparação na produção do gênero textual artigo de opinião com *A Experiência do fora*, obra de Tatiana Salem Levy (2011); refletir como tais discursos são vistos no contexto da sala de aula e, por fim, correlacionar o trabalho com a linguagem argumentativa e literária, elucidando a construção de novos modos de dizer na valorização dos discursos já constituídos. Espera-se, diante disso, que tanto as vozes quanto os discursos inerentes à produção do artigo de opinião e da linguagem literária na escola permitam aos professores a experiência e a valorização dos saberes discentes na efetivação da prática pedagógica.

PALAVRAS-CHAVE: Discursos. Artigo de opinião. A Experiência do fora

1 | INTRODUÇÃO

A inserção dos gêneros textuais no contexto

escolar tem ganhado espaço nos últimos anos, por se acreditar que eles representam formas de interação entre leitor e seus interlocutores, já que são produzidos socialmente e, a escola, tem o grande desafio de mostrar não apenas a diversidade textual aos discentes, mas, permitir-lhes a capacidade de produção escrita e reflexiva nos mais variados contextos sociais.

Partindo dessa hipótese, permite-se que todas as vozes e os discursos formulados no espaço escolar encontrem destaque na formação crítico-cidadã discente. Os sujeitos em situação de aprendizagem, nessa concepção, deixam de ser meros reprodutores de discursos produzidos por outros e assumem, por excelência, o posicionamento de destaque em seus processos de formação e de construção de novos discursos tanto orais, quanto escritos, atribuindo valor aos saberes efetivados outrora e, principalmente, assumam a função de autores de suas trajetórias.

É preciso, pois, que a instituição escolar não ensine apenas os estudantes a pensarem, mas, principalmente, a transformarem seus processos reflexivos em tomadas de posicionamento de modo argumentativo ou de refutação das teses destacadas no processo de ensino-aprendizagem. Do mesmo modo, todos os gêneros são fundamentais para que, ao longo

do processo de formação, discutam-se e, ao mesmo tempo, ofereçam as oportunidades de reconhecimento valorativo dos discursos prontos e, conseqüentemente, projete-os na formulação de novas vozes.

O trabalho com quaisquer gêneros permite essa tomada de posicionamento, embora que as reflexões, doravante, apresentadas tomam os gêneros organizados na ordem do argumentar (artigo de opinião, resenha crítica, relatório, etc) possibilitam que outros e novos discursos e suas concepções ideológicas sejam percebidos e construídos no ordenamento da oportunidade na produção de outras vertentes do conhecimento. Isso reafirma que há espaço para a argumentação, de maneira ética, transparente e respeitosa no contexto da sala de aula.

Diante disso, este trabalho, correlaciona a prática efetiva com a linguagem apresentada no gênero textual artigo de opinião e a conceituação apresentada na obra “A Experiência do fora”, de Tatiana Salem Levy (2011), na organização dos argumentos e nas peculiaridades entre a linguística e a linguagem literária, de modo a projetar que a função do produtor atinja e proponha reflexões às práticas dos interlocutores, permita com isso a projeção de novos discursos, inserida na arte de ensinar e, ao mesmo tempo, aprender.

2 | ESCOLARIZAÇÃO DO GÊNERO TEXTUAL ARTIGO DE OPINIÃO: SUJEITOS, PROPÓSITOS E CONTEXTOS

Por constituir-se de estruturas e sentidos de determinados eventos comunicativos, os gêneros textuais, realizados no exercício das práticas sociais carecem um olhar apurado no contexto de escolarização, já que toda e qualquer produção textual apresenta uma estrutura diferente e, ao mesmo tempo, mantém relação com os propósitos comunicativos atribuídos por seus autores. Para ilustrar, por exemplo, na elaboração de uma narrativa em que são destacados personagens, tempo/ ambiente, enredo, conflito, clímax e desfecho, difere-se, estrutural e propositamente da produção de uma resenha, de um artigo de opinião, de um relatório ou de uma conferência. Assim, não basta no contexto formal escolarizado somente discutir a relevância dos gêneros na sociedade, porém, faz-se preciso ensinar os sujeitos a produzirem, compreenderem as finalidades textuais e, principalmente, adequá-las com as variedades linguísticas da língua com os contextos sociais.

Uma das formas de abordagem dos gêneros no âmbito escolar está na valorização do conhecimento internalizado que cada sujeito apresenta na escola e como as práticas metodológicas são capazes de manter um diálogo com a experiência própria do ser humano e as propostas escolarizadas, oferecendo espaços para a produção de novos saberes e de entendimento da língua com todas as suas variedades, bem como compreender como os textos realizam-se socialmente quanto aos propósitos almejados e capazes de enriquecer as ações de ensino-aprendizagem na escolarização

de determinados gêneros textuais.

O ensino de Língua Portuguesa na perspectiva dos gêneros textuais constitui-se como um dos grandes desafios na efetivação das práticas docentes, pois, não basta apenas ensiná-los, mas, principalmente, refletir e produzi-los com segurança de modo a permitir que os processos cognitivos dos envolvidos se ampliem, visto que tanto na produção quanto na circulação dos gêneros há o acionamento de conhecimentos e ideologias que se adequem aos propósitos esperados, assim como das funcionalidades que os textos materializam as necessidades humanitárias e de interação, na concretização das práticas significativas de aprendizagem.

Assim, mediante os desafios inerentes à prática pedagógica, os gêneros textuais, são compreendidos como ações dinâmicas e como vertentes de esclarecer os propósitos comunicativos entre os sujeitos, por isso, a relevância de trabalhar com o texto em sala de aula implica encontrar um ponto interligante entre o desenvolvimento das habilidades escrita oral. O trabalho metodológico com os gêneros textuais/discursivos, nesse sentido, possibilita que os usos e a dinamicidade da língua se coadunem na efetivação com as especificidades de linguagem.

Os gêneros desenvolvem-se de maneira dinâmica e novos gêneros surgem como desmembramento de outros, de acordo com as necessidades ou as novidades tecnológicas como o telefone, o rádio, a televisão e a internet. Um gênero dá origem a outro, e assim se consolidam novas formas com novas funções, de acordo com as atividades que vão surgindo. (MARCUSCHI, 2011, p. 22)

Conhecer a multiplicidade dos gêneros textuais é uma questão necessária e direcionada à escola. Entretanto, o conhecimento precisa ir além, como, por exemplo, produzir, divulgar e, principalmente, utilizar os textos socialmente e nas práticas metodológicas de aprendizagem. Ensinar gêneros na escola é manter um diálogo entre a prática e a teoria do saber, partir da abordagem dos gêneros, por exemplo, preconiza que as situações de comunicação, de interação e de desenvolvimento das habilidades de linguagem corroboram com a troca entre aprender a fazer, aprender a produzir e compreender a qual interlocutor os direcionamentos textuais se destinam.

O ponto de partida, nessa perspectiva, é compreendermos que os gêneros textuais têm seu ponto de chegada as reflexões e os propósitos inseridos nas cinco características nas quais são agrupados, o que exige do professor conhecimentos e práticas dessas funções. De posse desse saber, há a necessidade de demonstrar aos estudantes as especificidades como cada gênero se organiza e qual a predominância que caracteriza e difere um gênero do outro, assim, o entendimento que se tem relacionado à categorização dos gêneros textuais/discursivos perpassam por cinco categorias.

Narrar (mimeses da ação através da criação de intriga), **relatar** (representação pelo discurso de experiências vividas, situadas no tempo), **argumentar** (sustentação, refutação e negação de tomadas de posição), **expor** (apresentação

Da narratividade à argumentação, o trabalho com os gêneros textuais se intensifica no âmbito da sala de aula. As cinco categorias nas quais os gêneros são alocados são necessários ao conhecimento discente, pois, cada uma delas destaca suas características peculiares, que regulam o pensamento humano em prol da abordagem textual e discursiva. A produção de um conto, por exemplo, diferencia-se da elaboração de um texto jornalístico, exatamente, pelas suas caracterizações, estruturas e propósitos, assim como o trabalho com a oralidade se diferencia e se adapta ao contexto evidenciado pela produção escrita.

Nas cinco categorias orgânicas dos gêneros apresentadas pelos autores, há um destaque especial, segundo este trabalho, à argumentação. É nessa principal característica que se encontra o artigo de opinião, gênero que objetiva o desenvolvimento da aptidão argumentativa na elaboração do texto e que tem como ponto norteador uma problemática de cunho social e polêmico. Ao produzir textos argumentativos, há que se considerar, ainda, a polemicidade e os argumentos como diretrizes do gênero do argumentar, visto que, a partir de raciocínios da arguição tal gênero agrega discursos questionadores, além de se utilizar de operadores argumentativos, capazes de reafirmar ou refutar determinadas teses.

Tais aspectos tipológicos dos gêneros e, neste caso, do artigo de opinião, concretizam-se por apresentar um ponto de vista acerca das possibilidades de discussão ampla, que no contexto da sala de aula ganha espaço para o desenvolvimento das capacidades linguístico-discursivas é por isso que as intervenções docentes devem ir ao encontro das necessidades comunicativas e linguísticas da aprendizagem dos estudantes; o gênero artigo de opinião atribui ao texto marcas de personalidade de quem o produz e dicorre acerca das ideologias linguísticas e de mundo do locutor com seus interlocutores, já que o principal objetivo com o texto de opinião é instigá-los na produção do conhecimento reflexivo e crítico na função de autores de seus próprios discursos.

Definir os gêneros textuais é enxergá-los de maneira ampliada, que vai desde a compreensão de sua significação quanto ao uso social. Nessa concepção, é preciso que o conhecimento e a abordagem a partir dos gêneros sejam amplamente significativos, pois, o ensino da linguagem pautado no trabalho com o texto, o contexto e os demais elementos que projetem para a produção autêntica corresponde às cinco características que atribui ao gênero uma vertente de estudo da língua, na materialização dos propósitos dos sujeitos.

O primeiro elemento característico dos gêneros é a **ideia de classe**. O gênero é uma classe de eventos comunicativos, sendo o evento uma situação em que a linguagem verbal tem papel significativo e indispensável. [...]. A segunda característica dos gêneros, e a mais importante de todas, é a de que em uma classe de eventos comunicativos, os eventos compartilham um **propósito**

comunicativo. [...]. **Prototipicidade** é a terceira característica do gênero. Um texto será classificado como sendo gênero se possuir os traços especificados na definição do gênero. [...]. A quarta característica do gênero diz respeito à **razão ou à lógica subjacente ao gênero.** [...]. O gênero tem uma lógica própria porque assim serve a um propósito que a comunidade reconhece. A quinta característica do gênero é **terminologia** elaborada pela comunidade discursiva para seu próprio uso. (HEMAIS; BIASI-RODRIGUES, 2005, p. 113-114, grifos meus)

Tendo por base esse grupo de características, pressupõe-se que o trabalho com os gêneros textuais, nessa perspectiva, efetiva-se mediante a valorização do conhecimento e da reflexão adequada às funções atribuídas aos textos, constituindo-os em gêneros. Estes precisam ser evidenciados no contexto escolar a partir da sua funcionalidade e da proposição de readequação do conhecimento, além de permitir aos discentes, compreendê-los e saber utilizá-los na ampliação dos eventos de comunicação.

Preconiza-se, ainda, que há, nesse sentido, a necessidade de correlacionar as vozes que ecoam tanto aquém quanto além da sala de aula na produção e na circulação dos gêneros textuais, por isso, ao professor implicará manter uma relação dialógica e de correspondência entre a teoria, a prática e os desafios inerentes ao propósito de permitir a fruição do pensamento, de modo que, todas as vozes do contexto escolar e fora dele não destoem o dialogismo na realização do trabalho com os gêneros, mas sejam capazes de intensificá-las.

O estudo das vozes permite compreender o diálogo entre os diferentes discursos que constituem o texto e entre os sujeitos que se confrontam nesse espaço interlocutivo. É por meio das formas marcadas e não marcadas de dialogismo que percebemos a posição e os pontos de vista do enunciador do discurso atual, o grau de distância ou de adesão aos discursos dos enunciadores citados ou mencionados, e os lugares ocupados por eles. (CUNHA, 2010, p. 179)

Na produção dos gêneros organizados na categoria do argumentar é preciso que essas vozes sejam consideradas, porque é na efetivação escrita de um artigo de opinião que ocorre, inicialmente, um processo monofônico, ou seja, o sujeito que produz o faz no silêncio na categorização das ideias, que mediante as reflexões se amplia em uma proposição polifônica das interposições docentes na construção e enriquecimento do texto. Assim, as intervenções do professor objetivam subsidiar o acionamento das capacidades discursivas discentes ao mesmo tempo em que se ampliam e fortalecem os saberes estudantis, sendo, pois, necessário instrumentalizá-los nos usos com a linguagem.

Permitir aos estudantes a produção de sentido na modalidade escrita pressupõe compreender a complexidade de trabalhar com o gênero artigo de opinião no espaço escolar, visto que sua abordagem não é traduzida como discordância apenas, mas, do posicionamento permissivo na elaboração de argumentos capazes de inferir aos conhecimentos formulados na escola e na exigência dos discursos construídos nos

direcionamentos metodológicos.

A produção do artigo de opinião ultrapassa o mero propósito de dizer ou do desdizer, representa uma forma de considerar a relação do locutor com o texto, com os argumentos e com seus interlocutores, embora seja necessário existir uma base para a proposição dos posicionamentos, bem como das possibilidades e dos encaminhamentos oferecidos pelo professor, que subsidia a receptividade de trabalho discente com o gênero. Diante disso, na elaboração do texto opinativo, os estudantes se reconhecem como autores, avaliam suas percepções, interagem com o texto ou se contrapõem às finalidades atribuídas ao gênero argumentativo.

O artigo de opinião se situa entre os gêneros que historicamente têm seu horizonte temático e axiológico orientado para a manifestação da expressão valorativa a respeito de acontecimentos sociais que são notícia jornalística. É um gênero onde os participantes da interação reconhecem e assumem esse trabalho avaliativo do autor. (RODRIGUES, 2005, p. 170)

A produção do gênero em sala de aula deve estar além dos saberes comuns e, em alguns casos, faz-se necessário garimpar referências para criar as próprias convicções acerca da polêmica em compreender com base nas possibilidades reflexivas e no posicionamento frente aos desafios inerentes à produção escrita. Considera-se, diante disso, que o artigo de opinião é um gênero que “se vale da argumentação para analisar, avaliar e responder a uma questão controversa”, e que por isso precisa ser demonstrada a sua importância no processo formativo dos discursos discentes. O gênero em questão define-se como discursivo e pertencente “à ordem do argumentar, uma vez que o sujeito enunciador assume uma posição a respeito de um assunto polêmico e a defende” (KÖCHE; BOFF; MARINELLO, 2014, p. 33).

É nesse propósito que o trabalho com o artigo de opinião se constitui a partir da complexidade em ordenar os argumentos no texto, pois, assim como acontece na produção de outros gêneros, na efetivação da argumentação, há a exigência de que o proponente reflita sobre o que está sendo escrito, bem como a qual interlocutor se objetiva atingir com a produção dos raciocínios destacados no texto.

O artigo de opinião é constituído de outros discursos sobre os fatos comentados e de antecipações das objeções do leitor, para fazer aderir ao seu ponto de vista e para criticar os outros com os quais mantém uma relação de conflito. Tudo isso comprova que o texto é o lugar de circulação de discursos, mostrados ou não, e o sujeito não é a fonte do sentido, mas o constrói no trabalho incessante com o já dito. (CUNHA, 2010, p. 193)

Quaisquer que sejam os gêneros escolhidos para subsidiar a prática docente exigirão do professor além do domínio, a seleção das características que devem ser apresentadas, gradativamente, aos discentes. No artigo de opinião as discussões perpassam e se desenvolvem a partir da organização da trilogia textual, que se inicia com uma situação-problema, perpassando pela discussão, das causas e consequência

e, pro fim, é apresentada uma síntese, denominada, solução-avaliação. Além disso, há a predominância tipológica da dissertação, assim, no artigo de opinião em “cada parágrafo, habitualmente, contém um argumento que dá suporte à conclusão geral. Evidencia-se a dialogicidade no processo de produção: o autor coloca-se no lugar do leitor e antevê suas posições para poder refutá-las” (KÖCHE; BOFF; MARINELLO, 2014, p. 34).

Diante disso, há um propósito social na produção e na circulação dos gêneros e conhecê-los tem se tornado uma necessidade, sobretudo, na intervenção de sala de aula. É por isso que “não podem ser definidos ou ensinados apenas através de suas características formais, já que, em parte, se definem por sua localização em um sistema de relações de gêneros e entre sistemas de atividades” (BAWARSHI; REIFF, 2013, p. 132).

Os argumentos, nesse sentido, utilizados caracterizam e atribuem ao texto a função de artigo de opinião. Na concepção discente é preciso demonstrar e ensiná-los a produzir os argumentos esperados, bem como explicar-lhes os existentes pela literatura especializada. Assim, dos argumentos utilizados, os principais e mais usados nos textos que circulam socialmente e na escola, os de autoridade, de consenso, de provas concretas e competências linguísticas são o mais estudados, por isso, ao professor implicará que a ampliação do trabalho com o gênero textual argumentativo seja capaz de recepcionar os saberes em construção dos estudantes para que se apropriem das formas, das características e funções propositivas na efetivação e na reflexão de textos argumentativos.

O argumento de autoridade consiste na citação de autores renomados ou de autoridades no assunto para comprovar uma ideia, uma tese ou um ponto de visto. [...]. O argumento de consenso consiste no uso de proposições evidentes por si mesmas ou universalmente aceitas como verdade. Não se pode confundir argumento baseado no consenso com lugares comuns sem base científica e de validade discutível. [...]. O argumento de provas concretas apoia-se em fatos, dados estatísticos, exemplos e ilustrações para comprovar a veracidade do que se diz. [...]. O argumento de competências linguísticas consiste no emprego da linguagem adequada à situação de interlocução. (KÖCHE; BOFF; MARINELLO, 2014, p. 35-36)

De conhecimento dos argumentos na elaboração do artigo de opinião, o discente terá a possibilidade de refletir melhor as etapas, a organização dos parágrafos e a ampliação dos saberes que se almejam evidenciar no trabalho com o gênero, sendo, pois, fundamental considerar os conhecimentos internalizados de cada um, o que possibilita ao proponente ocupar lugar de destaque no discurso linguístico-argumentativo, já que “todo gênero tem um conteúdo temático determinado: seu objeto discursivo e finalidade discursiva, sua orientação de sentido específica para com ele e os outros participantes da interação” (RODRIGUES, 2005, p. 167).

Efetivar a promoção de estudo, produção e reflexão com os gêneros textuais/discursivos pressupõe acionar a criticidade dos produtores na elaboração textual,

averiguando os propósitos inerentes ao gênero escolhido. Assim, na sala de aula é preciso que o professor não seja visto como único interlocutor para os discursos produzidos pelos estudantes, é preciso, pois, esclarecer que os textos circulam e atingem seus propósitos. Assumir, o lugar de autoavaliação é compreender como os discursos e as vozes podem caracterizar as finalidades textuais, oferecendo-lhes uma lista de verificação capaz de averiguar e enriquecer as reflexões apresentadas no texto. Dessa forma, de acordo com a missão prática metodológica de sala de aula, sugiro, a seguir, algumas indagações na lista de controle do gênero textual artigo de opinião, que pode ser ampliada mediante as necessidades de aprendizagens dos estudantes, de modo que as adequações estruturais, linguísticas e semânticas e pragmáticas sejam reajustadas.

1	Há um título no seu artigo?
2	O texto trata de uma questão polêmica?
3	As funções de contestação, negação e refutação estão presentes no seu texto?
4	O vocabulário do artigo está adequado aos propósitos e aos interlocutores?
5	Os argumentos mantêm uma base linguístico-ideológica?
6	Seu texto apresenta uma situação-problema, uma discussão e uma síntese avaliativa?
7	As reflexões se inserem em algum tipo de argumento?
8	Você se posiciona favorável ou não durante a construção textual?
9	Você emprega palavras e sentenças adequadas às exigências da língua-padrão?
10	A pontuação e a ortografia estão empregadas corretamente?
11	A caligrafia é legível e a estética está padronizada (sem rasuras)?
12	As marcas de oralidade são evitadas na escrita do texto?
13	Emprega letras maiúsculas adequadamente?
14	Realiza as retomadas textuais por meio das anáforas e catáforas?

Quadro 1: LISTA DE VERIFICAÇÃO DO GÊNERO TEXTUAL ARTIGO DE OPINIÃO

Uma das possibilidades de trabalhar com os gêneros e colocar os estudantes como destaque nesse processo é lhes oferecer uma lista de controle ou verificação do gênero escolhido, de modo que analisem criticamente os argumentos produzidos. Apesar dos questionamentos possibilitados pelo professor, a principal função é orientá-los no direcionamento dos objetivos das estratégias relacionadas.

A partir do contato com o gênero e a avaliação realizada pelos estudantes e, posteriormente, pelo professor, torna-se relevante que a razão social na produção se evidencie, sendo necessário mostrar-lhes o porquê de estudar determinados gêneros no contexto escolar. Ainda assim é preciso pontuar durante as discussões que os gêneros textuais são múltiplos e de acordo com as necessidades de seus usuários se adaptam, visto que, atualmente, “a tendência é observar os gêneros pelo seu lado dinâmico, processual, social, interativo, cognitivo, evitando a classificação e a postura

estruturais” (MARCUSCHI, 2011, p. 19).

As adequações, renovações e multiplicidades no trabalho com os gêneros colocam em destaque a atuação dos estudantes, além de permitir a realização de leituras do contexto social no qual se encontram. Diante disso, assegurar o desenvolvimento de estratégias pedagógicas tendo como ponto norteador a abordagem dos diferentes gêneros é possível permitir-lhes a compreensão das situações de aprendizagem, porque a “cada nova leitura de um texto lhe permitirá desvelar novas significações, não detectadas nas leituras anteriores” (KOCH, 2011, p. 157), mostrar, pois, que todas as vezes em que um texto é revisitado, há novas chances de retextualizá-lo.

Os posicionamentos e as interferências assumidos pelo professor na abordagem dos gêneros textuais situam os estudantes no processo de contextualização das aprendizagens que é construído gradualmente. A sustentação de um ponto de vista traz implícita as induções distinguidas durante a ação docente, já que nas discussões e nas práticas de sala as inferências do professor são profícuas, além disso, objetivam despertar nos discentes o interesse na efetivação de suas aprendizagens, propondo a professor a criação de condições favoráveis para que os estudantes tenham acesso.

Cabe ao professor, portanto, criar condições para que os alunos possam apropriar-se de características discursivas e linguísticas de gêneros diversos, em situações de comunicação real. Isso pode ser feito com muita eficiência por meio de projetos pedagógicos que visem ao conhecimento, à leitura, à discussão sobre o uso e as funções sociais dos gêneros escolhidos e, quando pertinente, a sua produção escrita e circulação social. (LOPES-ROSSI, 2011, p. 71)

Devem ser oferecidas, nessa perspectiva, aos educandos as oportunidades de se apropriarem de situações autênticas de uso do gênero, ampliando-as na concepção das possibilidades de letramento. Nessa compreensão, o ensino da textualidade se expande nas práticas sociais que “perpassam o domínio da escrita, os alunos tomam consciência dos desafios que apresentam escrevendo e dão ao texto à função que lhe corresponde nas práticas sociais: ele deve ser o objeto para a interação entre locutor e leitor” (NASCIMENTO; ZIRONDI, 2014, p. 264).

As abordagens a partir do ensino e da utilização de determinadas capacidades de linguagem por meio dos gêneros textuais, sobretudo, no contexto da sala de aula não desconsideram as teorias da textualidade, mas, cumpre a função de comprová-las no exercício da ação docente. Os gêneros textuais precisam ser entendidos a partir do desenvolvimento das habilidades de linguagem, sem desconsiderar o contexto social de produção e de circulação e de propósitos comunicativos. Dessa forma, a produção do gênero artigo de opinião cumpre a função de permitir aos sujeitos em situações de aprendizagem o auxílio dos diferentes argumentos e as diferentes vozes e discursos entoados na efetivação argumentativa.

3 | DISCURSOS E VOZES NO ARTIGO DE OPINIÃO E A EXPERIÊNCIA DO FORA

Na produção do artigo de opinião, há o encontro de vozes que opinam acerca de determinadas temáticas e apresentam singularidades das reflexões e dos argumentos dos sujeitos que as produziram. Realizar um trabalho a partir do gênero, nessa perspectiva, vai além de projetar discursos, porém, é uma forma de permitir que tanto as vozes quanto os discursos se mostrem eficazes no trabalho de compreensão da linguagem. Há, nesse sentido, uma relação entre repensar a linguagem na perspectiva de ampliação do conhecimento e de tomar os saberes do ponto de vista reflexivo de quem o produz.

A noção de trabalho com a linguagem na perspectiva comparativa da obra “A Experiência do fora”, de Levy (2011) pode parecer, de início, para alguns um pouco estranha, mas, a partir do momento em que se destaca e trabalha com propósitos definidos acerca do conhecimento e da produção com a linguagem, as compreensões acerca das práticas, neste caso, pedagógicas, aos poucos, vão encontrando seu lugar de destaque e se firmando no processo de aprendizagem tanto na valorização quanto na ampliação dos saberes discentes.

A noção do fora é menos um conceito que possa ser delimitado e conhecido do que uma função, uma prática que envolve um questionamento radical do fazer literário. Já em seus primeiros textos sobre literatura, Blanchot mostrava uma preocupação em marcar que a palavra literária tem um uso próprio, distinto da palavra usual, cotidiana. Revelar seu funcionamento era o que mais interessava no momento. (LEVY, 2011, p. 18)

O conceito de literatura, nessa concepção, pressupõe considerar no contexto escolar a valorização dos discursos que os estudantes produzem com base nas reflexões propostas pelo professorado mediante o acesso das obras que são indicadas à apreciação e averiguação discente. Há, nesse sentido, não apenas um processo de leitura, mas, de compreensão dos fatores múltiplos que contextualizam a obra literária e mostre o texto com toda sua essência, por isso, a necessidade de demonstrar e, ao mesmo tempo, destacar como a linguagem literária se diferencia da utilizada na cotidianidade, ou seja, na literatura fala-se do ausente que se encontra presente no texto, enquanto que na linguagem do dia a dia, diz-se sobre o que está explícito no texto e na experiência dos interlocutores.

Existe, nessa concepção, uma adaptação da linguagem tanto literária quanto técnica de determinados gêneros aos diferentes contextos de sua produção. Tomemos como exemplo as diferenças entre um texto de caráter narrativo e descritivo, como são os casos dos contos e fábulas; e os de propósitos argumentativos, como é o caso do artigo de opinião, que entre outras funções, implica na objetividade de persuadir ou convencer o interlocutor a partir da organicidade dos argumentos inseridos no texto.

Partindo desses pressupostos, a linguagem se adapta aos propósitos sociais e aos contextos nos quais precisa ser utilizada. Utilizá-la, nesse sentido, com segurança

pressupõe o acionamento de conhecimento dos fatores que destacam a sua importância de aprender a usar os diferentes modos de linguagem, mediante o entendimento que se tem do texto e de sua relação com a experiência humana, sendo assim, a escola precisa não apenas ensinar esses modos, mas, principalmente, possibilitar situações reais de usabilidade dos propósitos da língua.

Assim, a linguagem está intimamente ligada ao contexto no qual os sujeitos estão inseridos e às concepções linguísticas das quais têm acesso. Um exemplo de que as práticas sociais de linguagem representam determinadas comunidades e que demonstram as suas necessidades de interação e convívio é uma questão que precisa ser rediscutida no espaço metodológico das aprendizagens. Nesse sentido, toma-se, aqui, como exemplo, o estudante com necessidades educacionais especiais, que na maioria das vezes não é enxergado pela instituição escolar como um ser pensante e capaz de produzir conhecimentos, por se encontrar à margem do descrédito ou se contrapor aos estereótipos socialmente criados, é, então, que as reflexões inseridas na obra “A Experiência do fora”, de Levy vem propor a visualidade dessas questões e sua valorização.

Tais questões dialogam com a subjetividade e a sensibilidade de que a linguagem literária na função do falante e da arte assume na formação identitária cidadã. Diante disso, não há linguagem literária sem considerar as questões humanitárias, ou seja, a linguagem literária só se manifesta quando nos aponta para o entendimento do outro que está além do círculo comum de convivência. É, pois, na cotidianidade das interações que este outro se mostra com seus anseios e suas perspectivas, visto que a função norteadora da literatura é problematizar a realidade e a experiência do indivíduo, assim como acontece na produção reflexiva do artigo de opinião.

O trabalho com a linguagem e, ao mesmo tempo, com a língua mantém um diálogo vivificador e de trocas de conhecimentos no contexto escolar, já que exista uma diferença entre essas duas vertentes: enquanto a língua representa a identidade do que somos e de diferentes comunidades, como é o caso das particularidades e das variedades da Língua Portuguesa, primeira língua dos ouvintes nascidos no Brasil e da Língua Brasileira de Sinais, língua mestra da Comunidade Surda, a linguagem se mostra de determinadas maneiras e formas, como por exemplo, perpassando pela verbal, não verbal e pela gestual/espacial.

A linguagem do dia a dia tem, como se sabe, referência direta com aquilo que designa: a realidade dada como nossa. Seu objetivo não é senão o de remeter a um objeto que se encontra no mundo. Em sua versão corriqueira, a linguagem não passa de um instrumento, encontra-se subordinada a fins práticos da ação, da comunicação e da compreensão. Ou seja, subordinada ao mundo. Aqui, as palavras são puros signos transparentes. (LEVY, 2011, p. 19-20)

A simbologia que a linguagem agrega é uma das questões que deve ser valorizada no processo de comunicação e na interação entre os sujeitos. Logo, a linguagem literária se diferencia da utilizada nos textos com características argumentativas. E,

neste caso, do artigo opinativo, há um processo interacional entre o proponente e, posteriormente, entre o texto produzido e seus possíveis interlocutores.

Enquanto que a literatura propõe e sugere uma imagem acerca do que está sendo apresentado, no artigo de opinião são os argumentos que possibilitam com base na polemicidade temática o repensar dos sujeitos diante da proposta e criam na estética textual e propositiva um mosaico de ideias-chave capazes de promover a reflexão dos interlocutores, bem como assumindo um posicionamento de persuasão ou convencimento do que esteja sendo elucidado. Assim, as ações escolares precisam apontar todos os direcionamentos ao processo de aquisição e de ampliação das habilidades de compreensão e, supostamente, de produção por parte dos discentes e de como os saberes podem ser acessados.

Além da problematização elucidada na linguagem literária, esta se utiliza, ainda, de outros recursos inerentes a sua produção, por exemplo, o uso das figuras de estilos da linguagem é, preciso, pois, ensinar os sujeitos em situação de aprendizagem a pensar e refletir as metáforas empregadas no texto, já que todo texto, metaforicamente falando traz implícita uma ideologia. Desta feita, enquanto que na promoção das vozes que ecoam no texto argumentativo na utilização da linguagem ocorre de maneira mais direta, objetiva e acessível. Opinar, nesse sentido, vai além do simples fato de dizer, mas, utilizar-se de outros discursos e argumentos que enriquecem e fundamentam os posicionamentos assumidos pelos proponentes.

O artigo de opinião, por ser um gênero de natureza argumentativa, prima pela construção de um ponto de vista (tese), que será sustentado por argumentos. São comuns as expressões modalizadoras, ou seja, aquelas que marcam uma tomada de posicionamento de quem produz o discurso, como **sem dúvida**. Também os conectivos participam da teia argumentativa, pois articulam enunciados, explicitando as relações de sentido estabelecidas entre eles (oposição, conclusão, causa, tempo, etc.). (MENDONÇA, 2007, p. 83, grifos da autora)

Assim, em relação à linguagem literária, há um convite destinado ao leitor que é “viver aquilo que lhe é proposto, sua própria realidade concreta” (LEVY, 2011, p. 21). Já a linguagem utilizada na produção do gênero artigo de opinião propõe e rebusca do interlocutor, além de um posicionamento, a ampliação do processo reflexivo das hipóteses mostradas ao leitor. O propósito principal de ambas as linguagens é o de informar, mostrar como é a realidade discutida nas entrelinhas do texto.

Caracterizada, às vezes, como ambígua, a linguagem literária, assim se mostra ao leitor, pois, ao mesmo tempo em que se diz algo, também se desdiz, visto que na “ambiguidade característica da linguagem literária é precisamente o fato de ela fazer as coisas desaparecerem e ao mesmo tempo revelar a presença desse aparecimento, o que seria o mesmo que afirmar que a obra só se torna obra quando se desobra” (LEVY, 2011, p. 24). Já a linguagem utilizada no artigo de opinião provoca uma aceitação ou refutação por parte de quem a recebe. Diante disso, é preciso, que os sujeitos, em situação de aprendizagem, entendam a linguagem em suas vertentes e saiba fazer as

escolhas necessárias conforme a solicitação dos contextos.

Há, nesse sentido, na linguagem literária um paradoxo, pois, ao mesmo tempo em que ela cumpre a função de se afirmar também se vale da finalidade de negar. Essa riqueza literária precisa ser valorizada, já cada texto traz na sua essência características que os tornam diferentes pelo campo ideológico e de conhecimento de mundo de seus produtores, visto que cabem aos proponentes a função de compreenderem-nas e utilizá-las nas determinadas formas de escrever, que agregam aos discursos escritos os propósitos sociais. Assim, repensar a linguagem literária na construção do conhecimento implica compreender que todo processo metafórico “pode ser também um mecanismo de autoanálise” (MOURA, 2012, p. 122).

Assim sendo, o trabalho com o gênero artigo de opinião no contexto da sala de aula permite que as diferentes vozes e os muitos discursos encontrem lugares no processo de reflexão. A linguagem literária trabalha, nesse sentido, com as questões que estão além do ser humano, ela possibilita, de fato, a experiência do fora e essa vivência, constitui “exatamente esse outro de todos os mundos que é revelado na literatura”. E a literatura, nessa concepção, “não é uma explicação do mundo, mas a possibilidade de vivenciar o outro mundo” (LEVY, 2011, p. 26-27), que se encontra na oposição dos casos menos valorizados e os diz por meio da linguagem.

Nesse sentido, ao produzir um artigo de opinião os sujeitos vivenciam a realidade com a escrita de maneira autônoma e eficaz, propõe e inquieta o leitor mediante o posicionamento admitido. O texto opinativo se vale de argumentos, inferências e, em alguns casos, provas concretas, além disso, dialoga com a intertextualidade, uma vez que nenhum discurso se materializa no vazio, mas, necessita de referências de outras vozes na construção de novas formas e eficazes maneiras de dizer.

Assim, entende-se que na produção do gênero ocorre a “intertextualidade com a fala de outra pessoa, no artigo de opinião, serve para confirmar ou refutar a tese defendida, participando, portanto, da construção da argumentação” (MENDONÇA, 2007, p. 83) no processo de ensino-aprendizagem de modo que os proponentes ultrapassem a função de meros reprodutores de discursos alheios.

A relação que há entre um gênero que se baseia na argumentação e na “Experiência do fora” é que ambos trabalham com a linguagem. No artigo de opinião a produção de vozes e de discursos é construída mediante os argumentos e as posições com base em uma realidade, enquanto na produção literária, a linguagem trabalha com o que está presente, mas, ao mesmo tempo, ausente ao texto, utiliza-se um elemento reflexivo e de autopercepção de entendimento do mundo.

Diante disso, faz-se necessário permitir que outras vozes sejam ouvidas e novos discursos se construam tanto na linguagem argumentativa quanto na perspectiva literária, já “a linguagem literária é uma linguagem do ele, não do eu. Dessa maneira, a literatura põe em questão a concepção linguística que tem as duas primeiras pessoas como condição da enunciação” (LEVY, 2011, p. 49).

As vozes e os discursos, nesse sentido, precisam se encontrar no espaço da

sala de aula e fora dele a eficácia na constituição e no fomento da formação das muitas maneiras de dizer. Assim, “a experiência do fora”, destacada por Levy e a caracterização argumentativa do gênero artigo de opinião possibilitada no processo de escolarização do gênero rebuscam dar voz e espaço para que novos conhecimentos sejam sugeridos e construídos.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar com a linguagem no contexto das práticas sociais é uma função desafiadora, visto que as transformações estão ocorrendo a todo instante e a escola, nesse sentido, cumpre a função de ir além da sistematização dos saberes e oferecer as condições de maneira favorável ao desenvolvimento e ao processo formativo discente.

As peculiaridades inerentes à produção e à circulação do gênero argumentativo artigo de opinião precisam ser consideradas na elaboração de novos conhecimentos de modo a permitir que os estudantes não sejam vistos apenas como meros reflexos de outros discursos, mas, que consigam construir os próprios, inferindo características singulares ao processo de produção e de divulgação do conhecimento. E, nesse sentido, um dos principais objetivos da instituição escolar no trabalho referente à linguagem é torná-los autores de suas trajetórias e vivências.

Outra questão, ainda, fundamental é como a linguagem literária é percebida pela escola. Na literatura o processo de sugestão do mundo externo ao interior da linguagem no campo literário rebusca o seu espaço, o que perpassa pelas questões históricas, costumeiras e subjetivas que agregam ao contexto de produção literário a ampliação de significados com base nas reflexões pontuadas em cada quesito da linguagem literária.

Durante este trabalho, buscou-se fazer uma relação entre a linguagem com características argumentativas e a literária a partir do gênero textual artigo de opinião e da obra “A experiência do fora”, de Tatiana Salem Levy, respectivamente. O que se pôde destacar nos apontamentos evidenciados neste processo de reflexão é que há a necessidade de a escola demonstrar a funcionalidade de todas as linguagens que subjazem ao seu contexto, tanto a linguagem, sobretudo, a produção escrita vista sob a égide dos argumentos quanto a sensibilidade de problematizar a realidade por meio da literatura são questões necessárias ao processo de ensino-aprendizagem.

Espera-se, dessa forma, que as reflexões elucidadas durante este trabalho sejam capazes de possibilitar que os processos cognitivos e reflexivos no contexto educacional e, conseqüentemente, fora dele, direcionem os sujeitos em situação de aprendizagem, no respeito aos discursos e vozes construídos nas estratégias de ensino e os projetem na efetivação de novas alocações e posicionamentos relacionados ao processo de ensino-aprendizagem, de modo que tais sujeitos não se percebam apenas como meros reprodutores de discursos alheios, mas, como autores de suas

trajetórias, experiências, vozes e discursos.

REFERÊNCIAS

BAWARSHI, Anis S.; REIFF, Mary Jo. **Gênero: história, teoria, pesquisa, ensino**. Trad. Benedito Gomes Bezerra. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

CUNHA, Dóris de Arruda Carneiro. O funcionamento dialógico em notícias e artigo de opinião. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização: Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

HEMAIS, Barbara; BIASI-RODRIGUES, Bernardete. A proposta sociorretórica de John M. Swales para o estudo de gêneros textuais. In: MEURER, J. L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée. (Orgs.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Argumentação e linguagem**. – 13ª ed. – São Paulo: Cortez, 2011

KÖCHE, Vanilda Salton; BOFF, Odete Maria Benetti; MARINELLO, Adiane Fogali. **Leitura e produção textual: gêneros textuais do argumentar e expor**. 6ª ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

KÖCHE, Vanilda Salton; PAVANI, Cinara Ferreira; BOFF, Odete Maria Benetti. **Prática textual: atividades de leitura e escrita**. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

LEVY, Tatiana Salem. **A Experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuze**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

LOPES-ROSSI, Maria Aparecida Garcia. Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher. (Orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher. (Orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

MENDONÇA, Márcia. Análise linguística: refletindo sobre o que há de especial nos gêneros. In: SANTOS, Carmi Ferraz; MENDONÇA, Márcia; CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra. (Orgs.). **Diversidade textual: os gêneros na sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MOURA, Heronides. **Vamos pensar em metáforas?** São Leopoldo: Editora Unisinos, 2012.

NASCIMENTO, Elvira Lopes; ZIRONDI, Maria Ilza. Gêneros textuais em práticas de alfabetização e letramento. In: NASCIMENTO, Elvira Lopes. (Org.). **Gêneros textuais: Da didática das línguas aos objetos de ensino**. 2ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros dos discursos na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem da Bakhtin. In: MEURER, J. L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée. (Orgs.). **Gêneros: teorias, métodos e debates**. 3ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-234-0

